

## **“GÊNERO E ENSINO DE HISTÓRIA: REFLEXÕES SOBRE AS IMPLICAÇÕES DA ABORDAGEM DO TEMA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.”**

Hellen Beatriz Dutra Moreira <sup>1</sup>  
Ana Carla Sabino Fernandes <sup>2</sup>  
Norma Sueli Semião Freitas <sup>3</sup>

### **RESUMO**

O nosso trabalho tem como tema central a abordagem de gênero no ensino de História, com foco na Educação Básica. Essa pesquisa foi desenvolvida por mim, Hellen Beatriz Dutra Moreira, como bolsista PIBID História UFC, junto com outros demais bolsistas do núcleo PIBID/UFC, sob a coordenação da professora Ana Carla Sabino Fernandes. A proposta surgiu a partir da realização de uma oficina pedagógica na EMEIF Monsenhor Linhares, em Fortaleza (CE), com turmas do 9º ano, entre fevereiro e março de 2025. O objetivo principal foi refletir sobre como o ensino de História pode contribuir para a formação de uma consciência crítica acerca das desigualdades de gênero e raça, valorizando práticas pedagógicas voltadas à diversidade e à escuta ativa. A pesquisa possui caráter qualitativo, descritivo e interpretativo, fundamentada na Educação Histórica e em perspectivas críticas da educação. Foram utilizados instrumentos como um formulário diagnóstico para identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre gênero, raça e sexualidade, a observação participante registrada em diário de campo e a análise de materiais produzidos pelos estudantes, como textos, cartazes e desenhos. Partiu-se da hipótese de que a invisibilização histórica de mulheres, pessoas LGBTQIAPN+ e sujeitos racializados no currículo tradicional reforça o sentimento de não pertencimento e mantém visões eurocêntricas da história. A oficina, organizada com metodologias ativas como debates, exibição de vídeos, gincanas e produções textuais, buscou promover um espaço dialógico e participativo. Os resultados demonstraram que a experiência incentivou momentos de reflexão, reconhecimento e crítica, permitindo aos alunos expressar percepções sobre suas vivências e compreender o papel da História na formação cidadã. Conclui-se que práticas educativas comprometidas com a equidade e a diversidade fortalecem o ensino de História e contribuem para uma educação mais inclusiva, crítica e transformadora.

**Palavras-chave:** Gênero; História; Escola Pública.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de História da UFC e Bolsista Iniciação a Docência do PIBID História UFC, [hellenbetz@alu.ufc.br](mailto:hellenbetz@alu.ufc.br). Autora principal.

<sup>2</sup> Professora de História da Universidade Federal do Ceará-UFC. Coordenadora do Subprojeto PIBID História UFC, [anasabino@ufc.br](mailto:anasabino@ufc.br). Coautora 1.

<sup>3</sup> Professor da Escola de Ensino Fundamental Monsenhor Linhares, Doutoranda em História pelo PPG UFC e Professora Supervisora do PIBID História UFC, [sufreitas2009@gmail.com](mailto:sufreitas2009@gmail.com). Coautora 2.





## INTRODUÇÃO

O trabalho “Gênero e Ensino de História” teve origem na aplicação de um formulário diagnóstico elaborado pelos bolsistas do Núcleo Monsenhor Linhares do PIBID História da Universidade Federal do Ceará, com o objetivo de conhecer melhor o perfil e as percepções dos estudantes do 9º ano da EMEIF Monsenhor Linhares, em Fortaleza (CE). O questionário buscou identificar algumas características em comum dos alunos, como as matérias favoritas, séries ou filme que gostam de assistir, o tipo de leitura que gostam de fazer, até abordar a raça em que eles se identificam, o seu gênero (seja cis, trans ou não-binário), e os resultados revelaram um quadro que preocupou todos nós bolsistas: muitos estudantes apresentaram dificuldades em reconhecer aspectos fundamentais da própria identidade, como sua orientação sexual, o gênero ao qual pertencem e até mesmo a raça com a qual eles se identificam. Essa constatação evidenciou, como determinadas discussões sobre identidade, gênero e raça ainda são tratadas de forma secundária no processo formativo, resultando em dificuldades de reconhecimento e interpretação crítica desses temas pelos próprios estudantes. Percebeu-se que, embora existam espaços de diálogo e reflexão no ambiente escolar, muitos alunos não atribuem a devida importância a essas questões, reproduzindo visões simplificadas ou estereotipadas herdadas de narrativas históricas tradicionais. Isso demonstra a necessidade de promover práticas pedagógicas que tornem o debate sobre gênero e diversidade mais significativo, contextualizado e historicamente fundamentado, favorecendo a construção de uma consciência crítica sobre o papel desses temas na formação social e cultural.

A oficina para tratar do assunto de gênero foi planejada no contexto do Dia Internacional das Mulheres, o que possibilitou inserir a discussão de gênero em um momento de grande relevância social. Nosso principal objetivo foi analisar de que forma o ensino de História pode contribuir para a construção de uma consciência crítica sobre as desigualdades estruturais que afetam mulheres, pessoas LGBTQIAPN+ e sujeitos racializados, frequentemente invisibilizados pela narrativa histórica tradicional. Partimos da hipótese de que o currículo eurocêntrico e masculino ainda predominante nas escolas contribui para a sensação de não pertencimento entre muitos estudantes e reforça visões excludentes sobre o passado e o presente.

Essa experiência prática fundamenta a presente pesquisa, que busca compreender de que maneira o ensino de História pode contribuir para o desenvolvimento de uma consciência crítica acerca das desigualdades de gênero e raça. A proposta se ancora nas perspectivas da





Educação Histórica<sup>4</sup>, que entende o ensino como um espaço de construção de sentido sobre o passado e de formação da consciência histórica, e da Pedagogia Crítica<sup>5</sup>, que concebe a educação como uma prática de liberdade e transformação social. A articulação entre essas abordagens permite reconhecer o estudante como sujeito ativo do processo educativo, capaz de refletir sobre suas experiências e de compreender-se como parte da história que estuda. Assim, mais do que discutir conceitos, a oficina buscou criar condições para que os alunos relacionassem o conteúdo histórico com suas vivências cotidianas, reconhecendo as estruturas de desigualdade que atravessam a sociedade e as possibilidades de mudança. O trabalho, portanto, propõe pensar o ensino de História como um instrumento de emancipação, diálogo e formação cidadã, comprometido com a equidade, a diversidade e a justiça social.

## METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo, inserida no campo da Educação Histórica e fundamentada em práticas pedagógicas críticas. O percurso metodológico foi construído a partir da experiência desenvolvida durante a Oficina de Gênero e Raça, realizada com estudantes do 9º ano da EMEIF Monsenhor Linhares, em Fortaleza (CE), entre os meses de fevereiro e março de 2025, no âmbito do PIBID História/UFC, sob coordenação da professora Ana Carla Sabino Fernandes e supervisão da professora Norma Sueli Semião Freitas.

Inicialmente, aplicamos um formulário diagnóstico elaborado pelos bolsistas, com o objetivo de identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre os conceitos de gênero, raça e sexualidade. Esse instrumento de coleta de dados, composto por questões abertas e fechadas, possibilitou observar tanto aspectos quantitativos simples quanto expressões qualitativas mais subjetivas, como silêncios, hesitações e interpretações espontâneas. A análise dessas respostas nos permitiu compreender as percepções e lacunas existentes em relação aos temas trabalhados, servindo de base para o planejamento da oficina pedagógica.

Durante a realização da oficina, utilizamos a observação participante, registrada em diário de campo pelos bolsistas do programa. Essa técnica foi essencial para analisar as interações entre os estudantes, as reações diante das atividades e o envolvimento nas discussões propostas. Ao longo das dinâmicas, que incluíram debates, exibição de vídeos,

<sup>4</sup> RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da História – os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Editora UnB, 2001.

<sup>5</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2017.





produção textual, cartazes, desenhos e brincadeiras, os alunos produziram diversos materiais de natureza imagética e discursiva, os quais foram posteriormente analisados com foco nas formas de expressão, nos argumentos e nas representações construídas.

Além das fontes empíricas e reflexivas, a pesquisa se apoia em referenciais teóricos da historiografia, da educação e dos estudos de gênero, especialmente nas contribuições de Maria Auxiliadora Schmidt<sup>6</sup>, Joan Scott<sup>7</sup>, Nilma Lino Gomes<sup>8</sup>, bell hooks<sup>9</sup> e Paulo Freire. Essa articulação entre fontes teóricas e práticas possibilitou uma triangulação de dados, garantindo consistência analítica e interpretativa à investigação. Assim, a metodologia não apenas sustenta o percurso investigativo, mas também concretiza o propósito de pensar o ensino de História a partir de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade, a escuta ativa, o diálogo e a justiça social no ambiente escolar.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A presente pesquisa fundamenta-se na perspectiva da Educação Histórica, campo teórico que busca compreender como os sujeitos aprendem História e constroem sentidos sobre o passado, articulando suas experiências e contextos sociais ao conhecimento histórico. Segundo Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli (2012), a Educação Histórica tem como objetivo central o desenvolvimento da consciência histórica, compreendida como a capacidade de interpretar o tempo e de atribuir significados às experiências humanas. Nessa perspectiva, o ensino de História ultrapassa a simples transmissão de conteúdos, transformando-se em uma prática formativa que favorece a reflexão crítica, a leitura do mundo e a construção de identidades. Assim, o processo educativo passa a valorizar o pensamento histórico dos estudantes, reconhecendo-os como sujeitos capazes de produzir interpretações e questionar narrativas dominantes.

Essa abordagem se articula com as contribuições de Joan Scott (1991), que propõe o gênero como uma categoria útil de análise histórica, permitindo compreender as relações de poder, as desigualdades e as representações de masculinidades e feminilidades como construções sociais e culturais. Incorporar o gênero como lente de análise histórica no espaço

<sup>6</sup> CAINELLI, Marlene; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Desafios teóricos e epistemológicos na pesquisa em educação histórica**. Londrina. 2012.

<sup>7</sup> SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5–22, jul./dez. 1991.

<sup>8</sup> GOMES, Nilma Lino. **Educação e identidade negra: pesquisa e formação de professores**. Brasília: MEC; SECAD, 2005.

<sup>9</sup> HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Sandra Regina Haydu. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.





escolar significa abrir caminho para a inclusão de novos sujeitos e experiências na narrativa histórica, rompendo com as estruturas excludentes que marcaram a historiografia tradicional. Desse modo, refletir sobre gênero, raça e sexualidade no ensino de História torna-se um exercício de revisão crítica da memória e da forma como o passado é ensinado.

De modo complementar, Nilma Lino Gomes (2005) defende uma educação comprometida com o reconhecimento das identidades negras e com a valorização da diversidade cultural como parte essencial da formação cidadã. Para a autora, o espaço escolar deve ser entendido como um local de disputa simbólica, no qual o conhecimento pode tanto reproduzir estigmas quanto promover o empoderamento e a emancipação de grupos historicamente marginalizados.

As ideias de bell hooks (2013) reforçam essa perspectiva ao conceber o ensino como uma prática da liberdade, em que o diálogo e a afetividade se tornam elementos centrais para a transformação social. A autora destaca que o ato de ensinar é também um ato político, e que uma educação verdadeiramente engajada deve confrontar as opressões de raça, gênero e classe. Em diálogo com essa visão, Paulo Freire (1996) enfatiza que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”, defendendo uma Pedagogia Crítica pautada na autonomia, na escuta e na participação ativa dos educandos.

A articulação entre esses referenciais sustenta a proposta da Oficina de Gênero e Raça, desenvolvida pelo núcleo do PIBID História/UFC na EMEIF Monsenhor Linhares, em Fortaleza (CE). Essa prática pedagógica buscou integrar os princípios da Educação Histórica e da Pedagogia Crítica à realidade escolar, promovendo um espaço de diálogo e reflexão sobre as desigualdades estruturais que atravessam o cotidiano dos estudantes. Ao trabalhar as temáticas de gênero, raça e sexualidade por meio de metodologias ativas, a pesquisa buscou não apenas ampliar o repertório histórico dos alunos, mas também fortalecer sua capacidade de interpretar o presente à luz do passado, desenvolvendo uma consciência histórica crítica e sensível à diversidade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da aplicação do formulário diagnóstico e das atividades realizadas durante a Oficina de Gênero e Raça, foi possível identificar um conjunto de percepções e aprendizagens significativas que evidenciam o impacto pedagógico da proposta. Os dados iniciais revelaram que muitos estudantes apresentavam dificuldades em reconhecer conceitos básicos





relacionados a gênero, raça e sexualidade, demonstrando confusão ao diferenciar, por exemplo, identidade de gênero e orientação sexual, bem como em compreender as categorias cisgênero, transgênero e não binário. Observou-se também que parte dos alunos não sabia identificar a raça com a qual se reconhecia, o que indica o quanto essas discussões ainda são superficiais ou pouco valorizadas no cotidiano escolar.

A partir desse diagnóstico, a oficina foi planejada para promover momentos de diálogo, escuta e expressão criativa, utilizando metodologias ativas — como debates, vídeos, produções textuais, cartazes e dinâmicas coletivas — que favoreceram a participação dos estudantes. Durante as atividades, notou-se um crescimento progressivo na compreensão dos temas e na capacidade de os alunos articularem suas experiências pessoais às discussões propostas. Os materiais produzidos — textos, desenhos e cartazes — revelaram um processo de reflexão sobre o papel das mulheres na história, o respeito às identidades de gênero e a importância da diversidade racial. Muitos alunos relataram situações de discriminação vividas dentro e fora da escola, reconhecendo essas experiências como parte de uma estrutura social mais ampla, o que reforça a potência educativa da abordagem histórica crítica.

A observação participante evidenciou que o ambiente escolar pode se tornar um espaço fértil para a formação da consciência histórica e social quando o ensino é conduzido de maneira dialógica e significativa. As interações durante a oficina mostraram o envolvimento emocional e intelectual dos estudantes, que passaram a se posicionar com maior segurança diante de temas antes considerados “difíceis” ou “polêmicos”. Esse movimento dialoga diretamente com as concepções de Paulo Freire e bell hooks, ao mostrar que o aprendizado se fortalece quando o aluno se reconhece no processo educativo e quando o conhecimento é construído coletivamente.

Em termos de resultados, a experiência demonstrou que o ensino de História, quando associado à Educação Histórica e à Pedagogia Crítica, tem potencial para transformar a percepção dos estudantes sobre si mesmos e sobre o mundo. A oficina contribuiu para romper silêncios, fortalecer o reconhecimento das identidades e fomentar o pensamento crítico acerca das desigualdades de gênero e raça. Além disso, possibilitou a nós, bolsistas do PIBID, refletir sobre o papel do professor como mediador do conhecimento e como agente de transformação social. Conclui-se, portanto, que a prática pedagógica desenvolvida favoreceu um processo de aprendizagem significativa, aproximando os alunos da História enquanto campo de interpretação do tempo e da vida, reafirmando a importância de um ensino comprometido com a equidade, o respeito e a justiça social.





O meu desejo, enquanto autora e participante deste projeto, é que as reflexões construídas a partir desta experiência possam ultrapassar os muros da escola e da universidade, alcançando professores, estudantes e futuros pesquisadores comprometidos com um ensino de História mais humano, crítico e transformador. Que as práticas desenvolvidas na Oficina de Gênero e Raça inspirem outras ações pedagógicas que valorizem a diversidade e promovam a escuta ativa como princípio educativo. Acredito que o ensino de História, quando pautado na Educação Histórica e nas perspectivas de gênero, raça e classe, tem o poder de formar sujeitos conscientes de seu papel no mundo, capazes de questionar as estruturas que produzem desigualdades e exclusões. Desejo que este trabalho continue sendo aprimorado e multiplicado, servindo como um ponto de partida para novas práticas e pesquisas que unam teoria, sensibilidade e compromisso social. Que a licenciatura em História da UFC e os projetos como o PIBID sigam fortalecendo a formação docente e reafirmando a importância da pesquisa como instrumento de transformação. E, sobretudo, que o estudo e o ensino da História, feitos com afeto e responsabilidade, possam continuar iluminando caminhos, permitindo que estudantes e professores(as) se reconheçam como protagonistas da própria história, capazes de ir e vir no tempo, de compreender o passado, agir no presente e projetar futuros mais justos e plurais.

## REFERÊNCIAS

CAINELLI, Marlene; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Desafios teóricos e epistemológicos na pesquisa em educação histórica**. Londrina. 2012.

COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. Tradução de Dayse Batista. São Paulo: Boitempo, 2021.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2017.





GOMES, Nilma Lino. **Educação e identidade negra:** pesquisa e formação de professores. Brasília: MEC; SECAD, 2005.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. Tradução de Sandra Regina Haydu. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica:** teoria da História – os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora UnB, 2001.

PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil.** 14. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SCOTT, Joan W. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5–22, jul./dez. 1991.

